

A PRODUÇÃO DE VÍDEO NA PRÁTICA ESCOLAR: ANÁLISE DO I FESTIVAL DE VÍDEO ESTUDANTIL DA CIDADE DE CAPÃO DO LEÃO/RS- BRASIL.

Josias Pereira¹
Daniela Pedra Mattos²

Resumo

A produção de vídeo estudantil é uma realidade brasileira. Nos últimos cinco anos triplicou o número de festival de vídeo estudantil, o que leva a vários questionamentos dentre eles: que vídeos são estes? Como são construídos dentro do espaço escolar? Assim, este artigo faz uma análise do I Festival de vídeo Estudantil do município de Capão do Leão/ RS-Brasil, buscando compreender como essa prática escolar foi realizada, qual a sua relação, contribuições e como interferiu dentro do processo de ensino aprendizagem. Esse projeto foi realizado num período de 10 meses entre oficinas e a exibição final dos vídeos. Foram capacitados 15 professores do município, alguns da mesma escola e foram realizados 23 vídeos em seis escolas. Os vídeos pós sua apresentação, tiveram os votos da comunidade escolar pela internet. Os vencedores foram anunciados e reconhecidos na Praça da Cidade. Pelo número de votos registrados (21.000) se percebeu que a utilização da tecnologia (telefone celular) foi expressiva, quase o total do número de habitantes da cidade: 25.000 habitantes. O desenvolvimento do projeto revelou que a produção de vídeo na escola aproximou os sujeitos escolares: alunos e professores.

Palavras –Chave: Aprendizagem; Desafio; Produção; Vídeo.

Introdução

A produção de vídeo é uma realidade dentro da sociedade atual graças a revolução tecnologia e a globalização realizada no final da década de 1990, porém ainda é uma realidade distante do dia a dia das escolas brasileiras. Nossas escolas ainda estão centradas no discurso escrito e deixam de lado o poder das imagens. No entanto, os alunos vivenciam

¹ Professor dos cursos de Cinema e audiovisual e da Pós Graduação em Educação Matemática da UFPel/ Pós doutor em semiótica (UEL) e doutor em educação (UFPel)

² Professora da rede pública de ensino. Mestre em Educação pela UFPel.

um novo mundo, em que decodificar uma imagem é tão importante quanto decodificar as letras do alfabeto. A Escola vive a dicotomia entre a escrita que as políticas públicas cobram e a realidade que os alunos vivem em relação à utilização da tecnologia. Neste braço de força quem perde é o aluno, com uma escola que se distancia da realidade cotidiana. Entre os estímulos ambientais em que os jovens estão submetidos, a tecnologia surge com grande impacto, infiltrando-se em todos os setores da vida, influenciando, tanto no comportamento imediato, criando modismos, quanto nos valores culturais, modificando significativamente a sociedade e seus modos de viver e agir.

Embasamento Teórico

Com as mudanças na área de comunicação, ocorridas nos últimos dez anos (aqui refere-se especificamente ao celular inteligente, também conhecido como *smartphone*) e a sua utilização em larga escala entre os alunos. Sendo assim, muitas são os questionamentos que se faz, entre eles: -Como o professor pode utilizar este instrumento (tecnológico) dentro de um processo educacional? Será que pode ser utilizado dentro de uma prática escolar?

Conforme dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em dezembro de 2015 o Brasil tinha um número expressivo de linhas de celulares (283,4 milhões de linhas de celulares ativos). Este dado se potencializa quando comparado com dados do IBGE, 2015 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que comprovou que neste ano a população brasileira estava estimada em 204 milhões de pessoas. Sendo assim, o cruzamento destes dados comprova que há mais celulares ativos do que pessoas. Segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2014, mais da metade dos 67 milhões de domicílios brasileiros passou a ter acesso à internet, representando 54,9% em um rápido comparativo, uma vez que, em 2013, esse percentual era de 48%. Com o acesso à internet via celular, um dos segmentos virtuais que teve mais crescimento nestes anos foi o dos sites de exibição de vídeo. A criação dos sites de exibição de vídeos, em que o sujeito pode colocar, postar, vídeos de graça, nasceu com o *You Tube* em 2005, ano em que Chad Hurley e Steve Chen iniciaram a criação de um programa de computador para dividir vídeos com os amigos, pois via e-mail demorava muito e nem sempre era possível seu compartilhamento, assim se aproveitaram da tecnologia Streaming. Sem querer os dois deram início a uma revolução silenciosa que se perpetua nos dias

atuais. O *You Tube* é um canal de TV em que nada é produzido, na verdade é o público que alimenta o site. Dentre estes sites o mais acessado, no Brasil, é o YouTube, com uma média de um milhão de acessos por dia, permitindo que muitas pessoas possam de forma amadora e profissional exibir seus vídeos na rede mundial de computadores de forma gratuita. Dessa forma, temos de um lado celulares que possibilitam a realização de vídeos e de outro, um espaço para exibição desse material. Assim a comunicação se propaga para todos (meios de comunicação de massa) e passa a ser de todos para todos, em que permite a intercomunicação de forma global. Essa ação funcionou, pois segundo a revista Exame (2014), os brasileiros formam o segundo mercado consumidor de vídeos na internet. Assim, temos alunos com celulares inteligentes, acessando o site YouTube e consumindo vídeos que muitas vezes são feitos por outros alunos e jovens chamados youtubers que, graças a essa rede, saem do anonimato e passam a ser “estrelas” de um canal virtual.

A Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que McLuhan chamou de a Galáxia de Gutenberg, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet. (CASTELLS, 2003, p.8)

Muitos alunos produzem vídeo com o intuito de se tornarem famosos na rede mundial de computadores, geralmente estes vídeos, feitos por eles, retratam um pouco de suas realidades e de suas vidas, tanto em depoimentos como na própria produção de vídeos de ficção. Nesse sentido, uma das indagações que se coloca em pauta é: - Se o aluno realiza vídeos fora do espaço escolar, dominando a tecnologia, como o professor pode utilizar essa mesma tecnologia dentro do espaço escolar?

Segundo Pereira (2012), a produção de vídeo estudantil possibilita ao docente conhecer a realidade do aluno em função do tema do roteiro escolhido. O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) de Kelly D. Christ (2015) apresentado no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas/RS- Brasil, analisou como os vídeos construídos pelos alunos, representam parte de suas realidades. A dúvida de Kelly (2015), enquanto professora, foi como o professor realiza este processo educacional sem fugir do que tange ao conteúdo e ao processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, Porto (2010), as TIC's no ensino podem contribuir no processo de comunicação e interação entre professor/alunos, pois estas proporcionam novas formas e diferentes processos que conduzem a:

a) tornar o ambiente da escola como um espaço produtor de conhecimento; b) introduzir mudanças no cotidiano escolar a partir dos meios de comunicação; c) apropriar-se de linguagens tecnológicas e refletir sobre a realidade por meio de processos dialógicos; d) “considerar a importância do lazer, do prazer e do envolvimento emocional existentes no ensino/aprendizagem, tornando-o dinâmico e interessante” (PORTO, 2010, p. 45).

Indo ao encontro das ideias da autora, percebe-se que a tecnologia como o carteiro que entrega a mensagem, ou seja, o suporte. No entanto, por trás desta ação tecnológica está a ação docente, que deve ser realizada para que a ação da tecnologia não seja inócua, sem sentido. Segundo Gatti (1993) a inclusão de uma tecnologia na escola não garante maior qualidade no processo educacional, pois ela pode mascarar o processo anterior, apenas repetindo velhos hábitos, de forma diferente. No entanto, se percebe que para que a tecnologia seja significativa no contexto da escola, necessita de uma nova forma de interação, de uma metodologia diferenciada.

Nesse sentido, Pereira (2012) ressalta que na produção de vídeo o professor deve ter uma ação dialógica, compreender a realidade do aluno, o que ele deseja comunicar com o vídeo e reverter os problemas que podem acontecer no set.

O assunto pode parecer algo novo, porém, não é, pois desde a década de 1920 Roquette Pinto já defendia o uso do rádio no processo educacional e depois em 1932 o movimento da Escola Nova em seu Manifesto dos Pioneiros da Educação já apresentava o cinema e o rádio como elementos importantes dentro do processo educacional graças a presença de Roquette Pinto dentro do grupo. Desde a década de 1930, o cinema e a educação mantinham um namoro a distância. As revistas de cinema apoiavam e divulgavam essa relação como a revista Cinearte de Cinema e Educação. Em 1936 Roquette Pinto, ajuda na criação do INCE (Instituto Nacional de Cinema e Educação) com o intuito do cinema ser usado como base para o processo educacional. Sua função do INCE era documentar as atividades científicas e culturais realizadas no país, para difundi-las, principalmente, na rede escolar. Porém depois da década de 1960 e as mudanças políticas o INCE é fechado e surge o INC (Instituto Nacional de Cinema) assim o cinema perde seu aspecto educacional. Na década de 1990 essa relação volta com a criação da TV Escola um canal de televisão do Ministério da Educação que realiza capacitação e debate com educadores. Outro ponto que se discute é qual as teorias que embasam essa ação docente... Indo ao encontro desse questionamento, Pereira (2012 e 2014) em sua teoria defende que a produção de vídeo tem como base a emoção, o sentimento... Para o autor a neurociência é a teoria que embasa a produção de vídeo, por explicar a importância desta

Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

emoção no dia a dia educacional de crianças e jovens. O professor Cosenza (2011) afirma que o prazer é o catalizador, reforçando o aprendizado realizado pela criança. Nesta mesma direção, Lara (2003, p.21) afirma que “as atividades lúdicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio, levando o aluno a enfrentar situações conflitantes relacionadas com seu cotidiano”. Analisando estes pesquisadores, se questiona como a produção de vídeo realizada dentro do espaço escolar por professores e alunos, pode ser uma forma de prática educacional que contribui na prática escolar?

No sentido de trazer tal questionamento como forma de provocação é importante ressaltar que duas ações contribuíram para produção de vídeo estudantil... Por um lado, o avanço da tecnologia no segmento de telefonia móvel e por outro, o desenvolvimento da informática e de programas de edição como o Movie Maker. Ambos avanços aliados às redes sociais, instigaram no aluno a curiosidade sobre como fazer vídeo e como pode ser visto dentro das redes sociais.

Dessa forma, se percebe que a internet contribui de forma diferenciada na troca e ampliação da informação entre os sujeitos da sociedade. Nesse sentido, podemos dialogar com Freire (1997), quando o mesmo apresenta a curiosidade do aluno diante do novo e a necessidade de o educador buscar entender esse processo e esse novo:

Exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se. (FREIRE, 1977, p.27)

Para o autor, a curiosidade, a reflexão e a invenção são importantes à ação pedagógica do sujeito, pois possibilitam ao professor rever a sua prática e planejamento docente. Mas como a escola utiliza essa “novas” tecnologias de informação e comunicação? Ela possibilita a curiosidade e a reflexão? McLuhan (1969), há mais de 40 anos, já assinalava que as instituições escolares desperdiçam energia para preparar seus estudantes para um mundo que já não existe, explicando que a educação não pode pretender ser uma atividade que quer mudar o mundo sem admitir que ela mesma possa sofrer algumas mudanças. E é isso que a produção de vídeo realiza uma mudança dentro da prática escolar.

Conforme alerta Babim e Kouloumdjian (1989, p.39) “o audiovisual é a mixagem, ou seja, é a mistura de imagem-som-palavra em uma composição tão integrada que se

apresenta como uma unidade”. E é essa unidade que gera a emoção. Segundo Pereira (2012), o cinema é composto de tecnologia e emoção; a tecnologia como suporte para apresentar ao público a emoção desejada pelo diretor. Para a neurociência, as emoções mobilizam o sentido, apontando que algo importante está ocorrendo e que é necessário desviar a atenção e todos os mecanismos para resolver ou aprender tal procedimento. Então porque não utilizar esse suporte de tecnologia, o vídeo, para ensinar os alunos? O professor de neurociência, Ramon Cosenza, da Universidade Federal de Minas Gerais, defende que as emoções são importantes para o processo educacional, segundo o autor:

Na nossa cultura as emoções costumam ser consideradas um resíduo da evolução animal e são tidas como um elemento perturbador para a tomada de decisões. As emoções têm contribuído para os seres humanos tomarem a melhor decisão para a sobrevivência da espécie. (COSENZA, 2011, p.76).

Segundo o pesquisador José Meciano Filho (2012), os professores da escola infantil são os que mais utilizam a neurociência. Um dos pontos importantes apresentados pelo pesquisador é que o cérebro se dedica a aprender aquilo que ele percebe como significativo. Neste ponto, o vídeo enquanto mídia, tem muito a contribuir, pois utiliza o prazer e o lúdico no processo educacional, ou seja, a sua prática educacional está em consonância com as teorias da neurociência. No entanto emerge outro questionamento: - Como está essa ação na escola do Ensino Fundamental e Ensino Médio?

As mídias de hoje agem primeiro sobre uma solicitação dos sentidos antes de apelar para a inteligência. A estética e a capacidade de empatia são bem mais privilegiadas que a reflexão, o sentir fica em primeiro lugar. (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1989, p.105)

Analisando esses autores fica a dúvida de como essas ações acontecem na prática escolar? Para tal escolhemos o I Festival de Vídeo do município do Capão do Leão, o referido festival foi escolhido pelo fato da autora ter sido jurada do mesmo e ter notado uma prática escolar diferenciada deste festival em relação aos demais.

Metodologia do Trabalho

A pesquisa utilizada é qualitativa com abordagem em Pesquisa de Campo que tem como contexto o fenômeno real, explorar situações, descrever situações da realidade no espaço onde está sendo feito a pesquisa. Segundo Fonseca (2002) esta pesquisa é à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, isso desde à coleta de dados referentes aos mesmos até à análise e interpretação desses dados. Para o autor a **Revista Tecnologias na Educação- Ano 9-Número/Vol.19- Julho 2017- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br**

Pesquisa de Campo além da pesquisa bibliográfica e documental se realiza a coleta de dados junto a pessoas, utilizando diferentes recursos.

A pesquisa foi feita na cidade de Capão do Leão que é uma das 497 cidades do Rio Grande do Sul. Situada na região sul, próximo à cidade de Pelotas/RS tem me média 25 mil habitantes segundo dados do IBGE (2010). É uma cidade relativamente nova, tem 35 anos. Sua população vive basicamente da agricultura e do extrativismo mineral. Em 2016 a Universidade Federal de Pelotas dentro do projeto de extensão “Produção de vídeo escolar” convidou a cidade de Capão do Leão a realizar um festival de vídeo estudantil em que professores e alunos produzam vídeos. Depois os vídeos realizados eram exibidos nas escolas da cidade e votados pelos alunos. Esse procedimento dura um ano. A secretaria de educação da época Suellen Cunha indicou a professora Izabel Cristina para ser a responsável em organizar o Festival em conjunto com a projeto de extensão da UFPel. Assim foram organizados os dias de oficina para capacitação docente. O projeto prevê a capacitação de professores em um primeiro momento, depois esses professores em suas aulas organizam a realização do vídeo com os alunos. O projeto teve um total de 10 meses entre oficinas e a exibição final. Foram capacitados 15 professores do município, alguns da mesma escola. Foram realizados 23 vídeos em seis escolas

Análise dos Dados

Analisando os vídeos realizados pelo viés do conteúdo, percebemos que foram diferentes de outros festivais de vídeo estudantil que vinham sendo apresentados, pois o comum eram vídeos com temas de romance, zumbi e bullying. No entanto, no Festival de Vídeo do município de Capão do Leão, entre os 23 vídeos apresentados, os temas mais encontrados foram sobre temáticas sociais do que sobre romance. Os vídeos foram:

Curta	Tema	Curta	Tema	Curta	Tema
1 minuto de silêncio	Social	A Casa do Terror	Terror	A juventude nas Drogas	Droga
A Amizade	Social	A entidade	Terror	A Vida Com as Drogas	Droga
A Festa	Social	O Fantasma mal-encarado	Terror	Vivendo ao custo	Droga

As atrasadas	Social	Opção sexual	Gênero	O Monstro do lixo	Fabula
Alimentos	Social	As reviravoltas da vida	Prostituição	O Namorado Misterioso	Fabula
Racismo e Preconceito	Agressão	O Lugar onde Vivo	Histórico	Arrependimento	Gravidez
Agressão contra Mulher	Agressão	Em Busca de Uma amizade	Romance Amizade		
Abaixo o Preconceito	Agressão	Sentimentos de Menina	Romance Amizade		
O Medo	Agressão	O Preço da Guerra	Romance Política		

Percebemos pelos temas que o romance mesmo quando presente como no curta “sentimento de menina” apresenta a importância da amizade. Curtas como: A amizade, A Festa e Um minuto de silêncio, apontam os temas sociais enquanto o tema agressão aprofunda questões sociais delicadas como agressão à mulher e preconceito. O curta “Opção sexual” apresenta o romance entre duas adolescentes, uma ação que em pleno século XXI ainda apresenta seus tabus em cidades grandes e mais ainda pensando que as autoras são de uma área rural, assumindo sua sexualidade. O tema “drogas” ainda está presente, porém não de forma principal, assim como o bullying que sai da esfera da escola e vai para sociedade como no curta Agressão contra mulher. Dois curtas apresentam a linguagem surreal entrando no mundo da fábula que para alunos do Ensino Fundamental é algo muito interessante.

Segundo Izabel Cristina foi criado um site para votação online. A votação ficou no ar por três semanas e obteve 21 mil votos, ou seja, como se quase toda população da cidade de Capão do Leão tivesse votado.

No dia da premiação a praça da cidade estava lotada para entrega dos prêmios aos vencedores (resultado da votação dos alunos e da votação da internet). Segundo Izabel Cristina, foi o último dia da feira do livro na cidade, sendo que nos três dias do evento desta feira, não se registrou um público tão expressivo, quanto da premiação do festival de Vídeo, pois os alunos queriam ver a premiação e receber seus vídeos.

Em depoimento para um documentário da UFPel algumas professoras relataram o processo do vídeo no mês de julho antes das filmagens do curta. Dentre elas destacamos a

professora de Matemática Josiane Moraes da escola Municipal Bardalo que em depoimento relatou que:

Achei interessante o trabalho, pois os alunos gostam desta coisa de internet e de *you tuber* então achei que seria uma coisa interessante para eles participarem do festival. Convidei os alunos do sexto ao nono ano e deixei livre para se inscreverem sobre esse tema fazer vídeos. Não prometi nota e se inscreveram voluntariamente e estão bem interessados, pois até em dias de chuva estão participando. Gravam e regravam a cena estão se dedicando. Percebi que a turma está bem unida com essa atividade.

Aqui a professora informa sobre a união da turma em um determinado trabalho. Essa ação foi reforçada pela aluna Nikole Garcia de 14 anos, que ressaltou que:

Está sendo maravilhoso nunca pensei que era assim que era feito. Do projeto o que achei interessante é a amizade com outras pessoas da sala que eu nunca pensei que teria.

Já a professora Lucia da escola municipal Barão do Rio Grande informa que

Foi um desafio pois estamos acostumados a trabalhar de outra forma, por isso está sendo bem desafiador, mas os alunos estão gostando. Eles gostam, pois saem da parte de só copiar o conteúdo...Eles têm que interagir... É algo bem diferente.

Aqui a professora Claudia da escola Mario Fragada informa que essa prática escolar apresenta um desafio e modifica a ação escolar de só copiar.

Pra mim foi muito empolgante, gostei do desenvolvimento do trabalho, mas no início tive medo e angustias...Depois que começamos as filmagens os alunos tomaram conta e eu apenas auxiliiei. Cada vídeo era uma novidade. Eles filmaram sozinhos eu assistia...Tive surpresas ótimas. O que mais me surpreendeu foi a criatividade e os temas que estão ao redor deles. Eu tinha grande dificuldade com uma turma do 8º ano e quando iniciamos o trabalho com o vídeo, percebi que nossa relação melhorou 100%. Acredito que foi em função do trabalho com vídeo.

Percebemos na fala da professora Claudia que o vídeo como prática educativa pode contribuir na relação professor aluno. Para os alunos este tipo de trabalho tem uma característica diferente, é algo para que o espectador possa compreender. Segundo a aluna do sétimo ano Erica Rodrigues “queria que as pessoas entendessem a mensagem do curta.” Já a aluna do oitavo ano Nikole Garcia no dia da premiação subiu no palco para se pronunciar, dizendo:

Estou aqui por uma única razão, agradecer a prof. Josi que acreditou no nosso trabalho e mesmo com todas as dificuldades ela sempre nos incentivou. Além de ser uma excelente professora de matemática agora é uma boa amiga. E se hoje alguém ganhou aqui, foi a senhora. Parabéns!

A emoção que a aluna apresentou em sua fala, diante de todo o público, olhando para professora e lhe agradecendo é a prova que esse trabalho transforma o comportamento e a relação dos sujeitos envolvidos. Segundo o pesquisador Pereira (2012) “a relação professor e aluno é modificada na produção de vídeo estudantil.”

Nesse sentido, a voz dos alunos é o referencial do trabalho, que se efetiva quando estes se apropriam das linhas e entrelinhas e constroem suas próprias histórias e seus argumentos. Para a aluna do nono ano Cristiane Ferreira a produção de vídeo estudantil tem sua própria organização diferente da sala de aula

A diferença é que na sala de aula temos que seguir as regras dos professores e com o vídeo são as nossas regras nosso tempo. E ficou muito bom, na escola os professores que mandam aqui somos nós!

A aluna Lauanda Furtado concorda com Cristiane e vai mais longe ainda na sua convicção

Dentro da sala de aula as ideias não são nossas. Nesse projeto sim, são nossas ideias. É a nossa cara. Somos nós!

Como o legado de Freire (1989) “é necessário ler o mundo para transformá-lo.” Assim, a produção de vídeo estudantil possibilita essa ação, em que o aluno pensa em signos para se comunicar, pensa no seu público alvo e utiliza os signos à sua disposição para criar uma comunicação verbal e não verbal, com o seu corpo para narrar algo que ache importante.

Conclusão

Percebemos que a produção de vídeo estudantil respeita o tempo dos alunos, respeita suas habilidades. É uma ação que desperta interesse dos alunos e ao mesmo tempo tem deles sua dedicação, pois percebemos que todos os professores que iniciaram o projeto conseguiram finalizá-lo. Capão do Leão é uma cidade nova com menos de 40 anos e o seu festival de vídeo estudantil mostrou que será um festival em que o conteúdo dos alunos não irá ficar preso a estigmas de adolescente: Romance e Bullying mas ir além, apresentando suas angústias, medos e desejos. De acordo com o relato dos alunos e de uma análise pedagógica/ metodológica podemos perceber que a relação aluno/ professor foi transformada no decorrer deste trabalho. Os professores passaram ter mais intimidade com os alunos, pois na produção de vídeo o debate sobre o tema, o que se deseja narrar é algo que aproxima ambas as realidades: aluno e professor.

Sendo assim, diante dessa experiência pedagógica, analisando e percebendo alunos e professores num movimento de construção, se percebeu que a utilização da tecnologia (a produção de vídeo na escola) contribuí não somente no processo de ensinar e aprender, mas sobretudo, qualifica e potencializa as relações entre os sujeitos no contexto escolar. Ouvindo, falando, manifestando emoções e sentimentos, subtraindo distâncias e otimizando saberes. Provavelmente, a mistura desses sentidos e sabores da escola tenham sido os motivos do sucesso do festival de Vídeo Estudantil realizado na cidade de Capão do Leão- Rio Grande do Sul- Brasil.

Referência Bibliográficas

- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marrie F. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador.** São Paulo: Paulinas, 1989.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTRO,Ruy. Roquette-Pinto, **O homem multidão** .Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC.Rio de Janeiro, 1996.
- CHRIST, Kelly Demo. **Perspectivas de ensino e Expressão com o Cinema: Um estudo a Partir do Projeto Oficina de Vídeo Estudantil.** TCC apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual para obtenção do título de Bacharel em Cinema. Orientação Dr. Josias Pereira. 2015, UFPel.
- COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende.** Minas Gerais: Artmed, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler informa.** Editora Cortez, São Paulo, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GATTI, Bemadete. **Os agentes escolares e o computador no ensino.** Acesso. São Pauto: FDE/ SEE. Ano 4, dez.93
- MCLUHAN, M.; FIORE, Q. **O meio é a mensagem.** Rio de Janeiro: Record, 1969.
- PEREIRA, J. ; NEVES, G. (Org.) . **Produção de vídeo nas escolas: uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador.** 1. ed. Pelotas: ErdFilmes, 2014.
- PEREIRA, Josias; JANKHE, Giovana. **A Produção de Vídeo Nas Escolas;** Educar com Prazer. Pelotas: Erdfilmes, 2012.

PEREIRA, Josias; MATTOS, Daniela. **A Produção de Vídeo na Prática Escolar: Análise do I Festival de Vídeo Estudantil da Cidade de Capão do Leão/Rs- Brasil.**

Revista Roquette Pinto. 2017

PORTO, Tânia Maria Esperon. Tecnologias na escola e concepções de professores. In: GAIGER, Paulo José Germany; PINTO, Maria das Graças Gonçalves; PITANO, Sandro de Castro. (Orgs.). **Currículo e projeto pedagógico, estágio e formação continuada: outros olhares e outras reflexões.** Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária PREC/UFPel, 2010.

Sites

Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=HXkim5FDLCI> – acessado dia 30 de janeiro **2017 Entrevista ao programa Ponto de Encontro TV PUC Campinas com a presença do neurocientista professor da Unicamp/SP e PUC/SP José Meciano filho.**

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/youtube-afirma-que-brasileiros-sao-maiores-consumidores-de-videos-no-portal>. Acesso em: 24 janeiro. 2017.

Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/08/em-2015-somos-204-milhoes-de-brasileiros>. Acesso em: 1 fevereiro. 2017

Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/08/em-2015-somos-204-milhoes-de-brasileiros>. Acesso em: 10 fevereiro. 2017.

Recebido em abril 2017

Aprovado em junho 2017